

A NARRATIVA DE VIAGEM NA OBRA *DESMEDIDA, LUANDA-SÃO PAULO-SÃO FRANCISCO E VOLTA*, DE RUY DUARTE DE CARVALHO

THE TRAVEL NARRATIVE IN *DESMEDIDA, LUANDA-SÃO PAULO-SÃO FRANCISCO E VOLTA*, OF RUY DUARTE DE CARVALHO.

Fernanda Santos¹

RESUMO: Ruy Duarte de Carvalho é um escritor contemporâneo que se configura com capacidade assinalável de construir uma narrativa de viagem. A mobilidade e a circularidade são constantes, na narrativa, temporalizando e reconfigurando os espaços (SILVESTRE, 2006). Auto-denominando-se como um angolano à procura de paisagens e culturas desconhecidas, Ruy Duarte constrói um olhar voltado para si próprio, num processo constante de auto-reflexão (SIMONET, 2010). Pretende-se mostrar como o olhar analítico do autor se transforma em notas de viagem, numa escrita que pretende reflectir sobre Angola e o continente africano. Tendo em mente a centralidade de Luanda, na obra, o narrador percorre caminhos do sertão brasileiro e das ruas agitadas de São Paulo, revendo aspectos históricos e literários de ambos os países. A viagem *no* texto e a viagem *do* texto sobrepõem-se e confundem-se, mantendo entre elas uma relação constante mas sempre ambígua, devido ao carácter de uma escrita que se configura como o lugar através do qual o sujeito se reúne com os outros seres humanos (SIMONET, 2010).

PALAVRAS-CHAVE: Narrativa de viagem; Circularidade narrativa; Ruy Duarte de Carvalho; Luanda.

ABSTRACT: Ruy Duarte de Carvalho is a contemporary writer who sets himself up with remarkable ability to build a travel narrative. Mobility and circularity are constant in the narrative, temporalizing and reconfiguring spaces (SILVESTRE, 2006). Self-denying himself as an Angolan in search of unfamiliar landscapes and cultures, Ruy Duarte constructs a self-centered, self-reflective process (SIMONET, 2010). It is intended to show how the author's analytical gaze turns into travel notes, in a book that intends to reflect about Angola and the african continent. Keeping in mind the centrality of Luanda, in the work, the narrator traverses paths of the

¹ Professora Adjunta de Literatura Portuguesa no colegiado de Letras, Universidade Federal do Amapá/Campus Santana. Doutora em História, pela Universidade Federal de Santa Catarina. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal do Espírito Santo. Membro do grupo de pesquisa Núcleo de Pesquisa em Estudos Literários da UNIFAP. Email: fergris77@gmail.com.



brazilian backlands and the busy streets of São Paulo, reviewing historical and literary aspects of both countries. The journey in the text and the journey of the text overlap and confuse each other, maintaining a constant but always ambiguous relationship between them, due to the character of a writing that is configured as the place through which the subject meets with the other beings (SIMONET, 2010).

KEYWORDS: Travel Narrative. Narrative Circularity; Ruy Duarte de Carvalho; Luanda.

Introdução

A narrativa de *Desmedida, Luanda-São Paulo-São Francisco e Volta*, de Ruy Duarte de Carvalho (2010) é uma obra que se configura em espaços diferentes, todos eles percorridos por um narrador atento, ao qual não escapa o olhar de antropólogo, impresso pelo autor em suas diversas obras. Tendo sido composto como um livro de notas e viagens, como, aliás, muitas obras de Ruy Duarte de Carvalho, esta se diferencia por um narrador nos oferece um Brasil que mostra uma convergência notável entre o país percorrido e o sujeito que o percorre. A mobilidade e a circularidade são constantes, reconfigurando o espaço (SILVESTRE, 2006, p. 26) e, nesse processo, entrando numa espiral de descoberta e auto-conhecimento do narrador. A formação do autor em antropologia, profissão em que são inerentes os laços de parentesco entre os deslocamentos e a escrita, alavanca o processo de escrita. A centralidade que essa relação alcançou no domínio da antropologia está amplamente tratada em *Obras e Vidas: O antropólogo como autor*, de Clifford Geertz (GEERTZ, 2005). Outras obras de Ruy Duarte de Carvalho deslançam estas questões, caso de *Vou lá Visitar Pastores* (CARVALHO, 1999) e *Actas da Maianga – dizer das guerras em Angola* (CARVALHO, 2003). Mesmo em romances como *Os Papéis do Inglês* (CARVALHO, 2000) e *As Paisagens Propícias* (CARVALHO, 2005), a mobilidade constitui um motivo preponderante na organização do enredo. Em cada uma dessas narrativas sentimos que a relação entre antropologia e literatura é amplamente trabalhada.

Tendo em mente a centralidade de Angola, em particular a cidade de Luanda, o narrador pretende, como o próprio título da obra indica, regressar a Luanda. Sem deixar de trazer um relato de viagem, a obra se articula, sistematicamente, com a bagagem de leituras do seu



narrador/autor. *Desmedida* trabalha com um processo narrativo orientado pelo domínio da temporalidade, unindo o passado, em que se localizam as referências intelectuais a serem convocadas, e o futuro, que será apreendido na decodificação das paisagens visitadas durante a viagem do escritor angolano. As diversas mudanças espaciais (ou deslocamentos) correspondem, em grande medida, a mudanças de perspectiva do narrador. Aquilo que ao leitor parecem derivas, no discurso, são afinal movimentos reflexivos, e, conseqüentemente, produtivos.

***Desmedida* e seus roteiros de viagem**

A distância que vai da gloriosa *desmedida* da intenção à *desmedida* vã de tanta página: o alcance da intenção permanecerá para sempre inacessível... não há redacção que não acabe por colocar ao autor o abismo que medeia entre o brilho da ideia que perseguiu e a palidez do resultado que alcançou... acometeu a caverna de alibabá e não trouxe de lá senão um miserável punhado de tostões... (CARVALHO, 2010, p. 389-390).

No início da obra *Desmedida* estabelece-se uma relação semântica enigmática, entre o título, substantivo ou adjetivo que evoca o infinito, o sem limite, o inacabado e as indicações *Luanda – São Paulo – São Francisco e volta* que desenham um roteiro de viagem com marcos perfeitamente identificáveis, nos quais Luanda é ponto de referência de origem e de regresso.

A preocupação com os caminhos da literatura percorre todo o relato da viagem. O viajante vem de Angola, do continente africano, com motivações que vão sendo desveladas ao longo da narrativa. Os roteiros, o da viagem no plano físico e o da construção do texto, são ambos mobilizados pelo interesse no Brasil contemporâneo e a retomada ao plano espacial de origem: Angola.

Autores como Euclides da Cunha e Guimarães Rosa são referenciados pelo narrador, dando origem a muitas reflexões. Na companhia desses e de outros, tais como Richard Burton, Teodoro Sampaio e Saint-Hilaire, efetiva-se o plano de conhecer (ou reconhecer) regiões de um país com o qual, desde há décadas, o Brasil estabelece relações.



A dimensão da viagem se manifesta como um dado estrutural. E é também com a bagagem da antropologia, formação do autor, que vai organizando sua travessia. Com essa base, ele vai perscrutando o universo das mobilidades culturais, uma característica das populações pastoris que ocuparam o seu pensamento e foram contempladas em *Vou lá Visitar Pastores* (CARVALHO, 1999). O narrador nos alerta para os significados e o peso da mobilidade dos povos da Namíbia, no sudeste de Angola, às quais ele dedicou a maior parte de suas reflexões. Os nomes dos lugares – Luanda, São Paulo e São Francisco - já presentes no subtítulo, prenunciam que *Desmedida* é um livro de viagem, embora seja bem mais do que isso, conforme nos menciona o narrador:

Pelo que, andando eu agora por aqui também a querer explorar este rio São Francisco e a tentar apreender os seus passados para ver se consigo situar-me nos seus presentes, de dados que vou retendo sustento a minha devoção pelo que Guimarães Rosa escreveu, e é a paisagens literárias que me remeto ainda, correndo embora o risco de levar o eventual leitor a concluir que assim também já chega. Com o que aliás concordo e garanto passar depois a outra (CARVALHO, 2010, p.135).

O sertão de Guimarães Rosa é também uma imagem do universo de diálogo entre o local e o universal (SANTOS, 2017a, p. 98). Sendo um espaço de fronteira, historicamente isolado em relação ao litoral escravocrata tornou-se, por isso, refúgio de homens pobres e marginalizados, brancos, mulatos, pretos forros e até índios. Conforme Guimarães Rosa, em *Grande sertão: veredas*: "quem manda é quem tem poder, com as astúcias, Deus quando venha que venha armado" (ROSA, 1970, p. 17-18). Assim, o sertão é um espaço que se constitui como realidade complexa, contraditória e ambígua. Do mesmo modo que Riobaldo, o narrador de Ruy Duarte sofre descontinuidades, no seu discurso, vacilos, interrupções, típicos de quem constrói sua narrativa com base na memória (SANTOS, 2017a, p. 99).

É nesta "escrita do mundo" que se concilia a singularidade de um ponto de vista com a abertura ao universo. A partir dum ponto de enraizamento, o narrador se abre para o mundo e para as suas vivências (GLISSANT,1993; COLLOT, 2005).



Primeira e Segunda Metade: Angola como referência

Desmedida divide-se em dois grandes segmentos, chamados Primeira Metade e Segunda Metade e um fecho. Cada uma dessas metades se divide em três partes, que, por sua vez, se subdividem em subcapítulos. Na Segunda Metade dois terços se ocupam de Angola, que é na verdade, mais uma vez, o foco principal da atenção do narrador.

Angola é o ponto de referência constante para pensar os outros territórios visitados e isso é deixado explícito pelo narrador, quando anuncia seu objetivo primacial: “Ensaiasse tão-só, talvez, dizer do Brasil a partir de Angola, a partir da situação nacional que é a minha em relação ao mundo e a Angola (e exatamente só a partir disso)” (CARVALHO, 2010, p. 54).

Desmedida constitui uma contínua digressão por ser um conjunto de crônicas escritas ao longo de uma viagem pelo Brasil. Luís Quintais observa que, na escrita de Ruy Duarte de Carvalho, “aquilo que é mapa, provisão para a jornada, também é, paralelamente, perda de referentes, ausência de inteligibilidade, duro exercício de questionamento e procura” (2000, p. 363).

As continuidades e convergências entre temas, histórias e personagens permitem ao narrador juntar materiais heterogêneos num texto em que a própria ideia de centro e de linearidade é rejeitada logo à partida, por não ser funcional às exigências da escrita de viagem (MICELI, 2011, p. 80). Na segunda metade do livro esta configura-se como uma escrita para alguém, que se faz conforme as necessidades do seu destinatário, uma vez que “talvez a questão seja sempre, afinal, a de tentar não perder de vista para quem se quer falar” (CARVALHO, 2010, p. 225).

Muito embora *Desmedida* se possa considerar um conjunto de digressões, cujo fio condutor é a viagem pelo São Francisco acima, acompanhada pela reflexão sobre o Brasil a partir de uma perspectiva angolana, a súbita decisão de interromper a viagem e voltar a Angola, para arrumar as suas notas em ordem, constitui um tipo de desvio diferente dos que vimos até agora, por se tratar de uma decisão tomada conscientemente pelo autor e não de um acontecimento inesperado que mudou o curso da viagem (MICELI, 2011, p. 80). Tal como nas *Paisagens Propícias* (2005) e na *Terceira Metade* (2009), o texto subsiste pelo seu carácter provisório (MICELI, 2011, p. 87).



Mapas e percurso autobiográfico

Os diversos autores citados por Ruy Duarte apontam para uma autobiografia intelectual, em que se situam as notas de uma formação sólida e variada, orientada pela paixão do conhecimento. O itinerário do narrador é dividido com escritores, viajantes, engenheiros, naturalistas, intelectuais diversos que tiveram sua vida ligada ao Brasil.

Destaca-se, já nas primeiras páginas, o nome de Blaise Cendrars, intelectual europeu marcante na história de nossas letras. O movimento é de aproximação, tendo como vetor as afinidades. É a partir de uma vivência que Ruy Duarte se lembra de Cendrars. Um requintado jantar numa rica fazenda no interior de São Paulo faz pensar no papel do café na economia brasileira e no percurso histórico da vida nacional. O café, cuja produção é uma das bases da riqueza de segmentos da sociedade paulista, é também uma espécie de emblema da concentração de renda que não deixa de alimentar essas ilhas de prosperidade e bem-estar a que está associada grande parte da atividade intelectual no país.

A lembrança do intelectual europeu tão presente naqueles efervescentes anos 20 conduz o escritor a uma situação especial, por ele definida do seguinte modo “agarrado a uma bolha de temporalidade e velocidade de pensamento, dessas que não têm nada a ver com durações comuns.” (CARVALHO, 2010, p. 20).

Inicia-se um processo narrativo orientado por diversas temporalidades: o passado, em que se localizam as referências intelectuais a serem convocadas, e o futuro, que será apreendido na decodificação das paisagens visitadas durante a viagem do escritor angolano (SANTOS, 2017b, p. 275). O interesse pelo Brasil, que mobilizou ambos e gerou tantas viagens, está no centro da aproximação. No meio, estão as décadas que distinguem seus tempos. Assim, autores e obras lidos são o ponto de partida da viagem empreendida. A partir do conhecimento, as viagens se convertem num modo de reconhecer paisagens, gentes, movimento.

Cendrars prolongou o diálogo transcultural entre a Europa e o Brasil, que se desenvolveu com os modernistas brasileiros Mário de Andrade e Oswald de Andrade. Ruy Duarte de Carvalho, vindo de outra margem do Atlântico, continua outro diálogo com a corrente modernista brasileira: os que estabeleceram, nos anos cinquenta, os movimentos culturais que tinham como lema "vamos descobrir Angola" e que viam no modernismo



um estímulo para se libertar do modelo colonial português. Este diálogo intertextual não deixa de ser problemático, uma vez que o narrador/viajante situa-se num constante movimento ou vaivém entre a viagem real e as lembranças literárias que lhe ocorrem (PASCAL, 2010, p. 5-7).

No segundo segmento do primeiro capítulo, o narrador recua no tempo, opta por outro império e constroi seu diálogo com outro viajante célebre, Richard Francis Burton. Além de alguns dados que permitem ao leitor identificar minimamente o personagem, o narrador faz questão de detalhar pontos de convergência entre os dois estrangeiros que o antecederam nas incursões pelas terras brasileiras: a conexão com África é um desses pontos.

A ligação a estes personagens, legítima e justificada, entretanto, não oculta uma diferença, que é crucial na concepção da narrativa do escritor angolano: o local a partir do qual se enraíza o seu discurso e organiza o seu olhar. Como os outros dois, ele é estrangeiro, mas, diferentemente dos outros dois, ele não vem do Norte, do centro do mundo. É de outro lugar periférico que ele vem e é essa outra periferia que ele quer compreender, pois é para ela que regressará, como está no subtítulo da obra e como ele não deixa de reconhecer: "(...) a hipótese de uma viagem que tivesse o São Francisco em conta e de um livro que não perdesse nunca de vista nem o lugar de onde eu estava a sair nem o lugar para onde, nem que só de mim para mim, onde quer que estiver, estarei sempre a voltar." (CARVALHO, 2010, p.150). O narrador indica, assim, a natureza de seu projeto e a motivação da sua errância:

Um livro a insinuar-se? E por que não? Um livro mais de "viagem", mas que também não fosse um desses registros paraliterários de errâncias e de evasões a puxar para o sério e para a auto-ajuda. Que remetesse para os domínios em que me movo mas admitisse derivas. (...) Ensaiasse tão só talvez, dizer do Brasil a partir de Angola, a partir da situação nacional que é a minha em relação ao mundo e Angola (e exatamente só a partir disso) (CARVALHO, 2010, p. 54).

O país que ele percorre, metonimizado no Rio São Francisco, deve ser captado em sua dimensão extraordinária, tão intensamente trabalhada pela força imagética da linguagem do autor:

Não tanto, a dimensão de um portentoso curso de água, mensurável, trabalhável, transponível, mas antes a de um deus fluvial que é o eixo e o texto de um universo a que se



dá um nome e aonde colhe a dimensão de uma idéia e dos ecos que lhe conferem a insondável espessura do fundo, e a vaga desmedida da extensão de um cosmos. Estou a falar do sertão (CARVALHO, 2010, p. 96).

Remetendo às notas dominantes dos relatos dos viajantes ao se confrontarem com o Novo Mundo ou com o continente africano, as descrições das paisagens têm imagens que traduzem a sensação de excepcionalidade. Nesse panorama, o Brasil merece destaque, tendo despertado fascínio em muitos viajantes. Ler o Brasil no contato direto e ler os discursos que ele gerou é o desafio proposto em *Desmedida*. O narrador não se descuida no seu empenho em compreender a contemporaneidade: “o Brasil de hoje como teatro, o último talvez no mundo, de todas as fases vividas, até agora, da ainda em curso expansão europeia, dita ocidental” (CARVALHO, 2010, p. 67).

O narratário, por sua vez, também se desdobra em várias figuras. A primeira parte do livro dirige-se a um leitor lusófono, relativamente bem informado em relação à história e à literatura brasileira, a segunda instaura um diálogo com narratários fictícios, em particular Paulino, designado pelo narrador como “o meu assistente pelos desertos austrais de Angola”, personagem já presente nas obras anteriores, rapaz pouco lido, como também o grupo social dos pastores da Namíbia. A transmissão nesse caso passa pelo relato oral (PASCAL, 2010, p. 3).

O ponto de vista do narrador procura libertar-se do padrão eurocêntrico e por isso questiona até sua própria legitimidade, enquanto angolano branco. O narrador viajante situa-se na encruzilhada de universos espaciais e temporais heterogêneos, numa multiplicação de vozes de viajantes estrangeiros. O senso crítico acompanha sempre suas observações:

O que esses estrangeiros levavam daqui como matéria-prima informativa para pensar e decidir sobre ela, devolviam-no depois já mastigado, elaborado, fabricado, ara que o Brasil passasse a ser visto como eles muito bem o entendiam. Ainda hoje acontece assim pelo mundo todo e vai continuar a acontecer por muito tempo mais... E além disso tem lugares onde os ocidentais não esperam nunca que haja quem pense... (CARVALHO, 2010, p. 171).

Em suas reflexões, o narrador constrói sua própria estória. A obra só avança em determinadas condições, que implicam uma deslocação a terrenos familiares, narrando para alguns destinatários, cujos conhecimentos e potenciais interesses ele pode, à partida, prever. A



exigência de ter uma relação direta com os destinatários não constitui novidade na obra de Ruy Duarte de Carvalho, cuja reflexão sobre si próprio e sobre o seu lugar no mundo é sempre acompanhada pela necessidade de se confrontar com o outro. Neste sentido, a relação com os destinatários configura-se como uma relação dialógica, em que a reação do interlocutor, ainda que silenciosa, é a condição essencial para que o ato narrativo tenha lugar.

O narrador focaliza os momentos decisivos da colonização e da independência brasileira comparando-a com a situação angolana onde, apesar dum mesmo passado colonial, as coisas não aconteceram da mesma maneira. Ficcionando um diálogo, explica a Paulino o extermínio dos povos indígenas, as características duma sociedade sertaneja dominada pela pecuária, economia destinada a alimentar as fazendas de cana do litoral. A partir dessas considerações, o narrador vai à procura de uma forma que lhe permita falar sobre África a partir da história brasileira, de revisitá-la a partir das continuidades e das descontinuidades:

Tinha sim, Paulino, tinha índios, indígenas daqui, evados para o Brasil como escravos, a combater ao lado dos brancos, tanto de uns como de outros e tanto nas lutas deles como naquelas que vieram fazer por cá, e mesmo aqui também tinha negros indígenas nossos a participar nas nossas lutas sem ser exatamente do lado que a gente fica agora a pensar que seria correto referir e reter (CARVALHO, 2010, p. 296)

O narrador coloca perguntas e raciocínios aparentemente ingênuos sobre a questão da independência e da nacionalidade. A imagem dum Brasil segregacionista que contraria todas as representações da miscigenação harmoniosa de Gilberto Freyre é apenas esboçada com a ingênua desculpa da ignorância. Recusa uma resposta simples para as suas perguntas desconfortáveis sobre história oficial, longe dos estereótipos dominador/dominado, branco/negro, colonizador/colonizado. A sua estória se apresenta, como um vasto panorama, momentos em que se cruzam os destinos de Angola e Brasil, momentos do passado histórico brasileiro nos quais encontra maneira de explicar o presente angolano.



Considerações finais

O modelo dialógico dos textos de Ruy Duarte de Carvalho estabelece um destinatário que constantemente se presentifica. O ato de contar uma história obedece à premissa de um sujeito que constroi uma relação com outrem (MICELI, 2011, p. 99). Retomando o vaivém dos barcos negreiros, o narrador de *Desmedida* cria metáforas para expressar tanto a viagem real ao longo do São Francisco, como as memórias passadas. Instaure assim um diálogo transcultural, ultrapassando as fronteiras, as raças, para tentar definir um destino comum, vendo no oceano e na língua um meio de encontros e diálogos futuros. A obra literária revisita a história, bem como os costumes e as tradições e é permeada pelas interrogações que a viagem suscita ao narrador.

Ao fim do livro, que não é o final do texto, pois está anunciada a parte que se intitulará de Terceira Metade, o narrador enfatiza algumas das motivações que deram impulso ao seu projeto. É nítida a sua inquietação, sempre em busca de linguagens que lhe possam exprimir a necessidade de compreender as contradições do mundo, que, nesse livro, de certa forma, se evidenciaram como assimetrias e contiguidades entre o Brasil e Angola (CHAVES, 2006, p. 290). A viagem no texto e a viagem do texto constantemente se sobrepõem e confundem, mantendo entre elas uma relação sempre ambígua, numa escrita que se configura como o lugar no qual o sujeito se reúne com os outros seres humanos (SIMONET, 2010). A presença de Angola marca o itinerário, ou melhor, os itinerários, a viagem objetiva e a viagem do texto. Assim, a necessidade de observar Angola a partir de outros lugares, observando-a sob outros ângulos, é uma das finalidades de todo o percurso, bem como encarar o seu país numa perspectiva contemporânea.

Referências

CARVALHO, R. D. **A Câmara, a Escrita e a coisa dita...** fitas, textos e palestras. Luanda: INALD, 1997.

CARVALHO, R. D. **Vou lá Visitar Pastores.** Lisboa: Cotovia, 1999.

CARVALHO, R. D. **Os Papéis do Inglês.** Lisboa: Cotovia, 2000.



CARVALHO, R. D. **Actas da Maianga**. Dizer das guerras em Angola ... Lisboa: Cotovia, 2003.

CARVALHO, R. D. **As Paisagens Propícias**. Lisboa: Cotovia, 2005.

CARVALHO, R. D. **A Terceira Metade**. Lisboa: Cotovia, 2009.

CARVALHO, R. D. **Desmedida- Luanda - São Paulo - São Francisco e volta – Crônicas do Brasil**. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2010.

CHAVES, R. Desmedida: o Brasil, para além da paisagem, em Ruy Duarte de Carvalho. **Remate de Males**, n.º 26(2), p. 279-291, julho/dezembro 2006.

COLLOT, M., L'ouverture au(x) Monde(s). In: *Paysage et poésie du romantisme à nos jours*. Paris: José Corti, 2005, p. 371-392.

GEERTZ, C. **Obras e vidas**. O antropólogo como autor. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 2005.

GLISSANT, E. **Tout-Monde**. Paris: Gallimard, 1993.

MICELI, S. **Contar para Vivê-lo, Viver para Cumpri-lo**. Autocolocação e Construção do livro na trilogia ficcional de Ruy Duarte de Carvalho. Mestrado em Estudos Comparatistas, 107 p. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2011.

PASCAL, A. M. A Desmedida Viagem Transcultural de Ruy Duarte de Carvalho. In: **VI Congresso Nacional Associação Portuguesa de Literatura Comparada / X Colóquio de Outono Comemorativo das Vanguardas**. Braga: Universidade do Minho, 2009/2010.

QUINTAIS, L. Ruy Duarte de Carvalho ou a Poética da Identidade: algumas considerações a partir de *Observação Directa*. Revista **Colóquio/Letras**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, nº 157/158, p. 362-367, Julho 2000.

SÁ, F. *A Terceira Metade* de Ruy Duarte de Carvalho. In: **O país online**, disponível em: www.opais.net, 2010. Acesso em: 22 de fevereiro de 2011.



SANTOS, F. Espaço e memória no sertão de Guimarães Rosa. In: LIMA, F. W. R.; PEREIRA, M. P. T. et al.(org.) **Grande sertão: 60 anos**. Macapá: editora UNIFAP, 2017a, p. 96-105.

SANTOS, F. In: PEREIRA, M. P. T.; SILVA, N. F. C. e et al. **Pós-colonialismo e literatura**: Questões identitárias nos países africanos de língua oficial portuguesa. Macapá: editora UNIFAP, 2017b, p. 272-290.

SILVESTRE, O. Notas sobre a Paisagem e o Tempo em Ruy Duarte de Carvalho. **Setepalcos**. Coimbra: Cena Lusófona, n. 5, julho de 2006.

SIMONET, M. **Genèse de l'autofiction, assumée ou non**, 2010. Disponível em: www.autofiction.org. Acesso em: 22 de fevereiro de 2011.

Recebido: 21/04/2018

Aceito: 19/07/2018

